

HORROR NO ORIENTE MÉDIO

Trégua à mesa por 12 reféns

» RODRIGO CRAVEIRO

Sob a mediação do Catar, o grupo extremista islâmico palestino Hamas e o governo de Israel negociam a libertação de 12 reféns, seis deles norte-americanos, em troca de uma "trégua humanitária de três dias". A informação foi divulgada pela emissora libanesa Al-Mayadeen e pela agência de notícias France-Presse, que citou fonte próxima ao Hamas. Em 7 de outubro, mais de 2.500 integrantes da facção invadiram cerca de 20 kibbutzim e outras comunidades do sul, matando 1.400 pessoas. Até o fechamento desta edição, 239 reféns israelenses e estrangeiros seguiam em poder da facção que controla a Faixa de Gaza.

Em entrevista ao **Correio**, Osama Hamdan, um dos líderes sêniores do Hamas no Líbano, confirmou que o grupo conversa com os mediadores sobre a libertação de entre 12 e 15 reféns. "Sempre que vamos com um 'sim', Israel retorna com um 'não'. Não estou certo sobre o que ocorrerá. Do nosso lado, nós estamos prontos e temos uma atitude positiva em relação a esse tema. Mas não posso confirmar o número de reféns ou de dias que Israel apoia interromper os ataques. Estamos lidando com os mediadores de uma maneira positiva", declarou, por telefone.

As Forças de Defesa de Israel (IDF) anunciaram que o Hamas perdeu o controle do norte da Faixa de Gaza. Segundo o jornal *Yedioth Ahronoth*, um bombardeio teria eliminado Mohsen Abu Zina, o responsável pela rede de fabricação de armamentos do grupo extremista. As tropas israelenses asseguram que destruíram 150 aberturas de túneis desde o começo da guerra.

O secretário de Estado dos EUA, Antony Blinken, propôs um mesmo governo para a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, controlado pela Autoridade Palestina (AP). Para o chefe da diplomacia de Washington, a medida contribuiria para a paz sustentada e estaria acompanhada de elementos que incluíssem "as vozes e as aspirações do povo palestino". Em Tóquio, ele defendeu um "mecanismo para a reconstrução" do enclave e um "caminho para que israelenses e judeus vivam, lado a lado, em Estados próprios, com medidas iguais de segurança, liberdade, oportunidades e dignidade". O conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca, John Kirby, admitiu que as IDF deveriam manter "responsabilidades iniciais de segurança" na Faixa de Gaza.

Mahmud Hams/AFP



Jovem palestino diante de buraco aberto em parede de casa atingida por bombardeio israelense, em Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza

Depoimento

"Perdi meu filho e mais quatro familiares"

"Na manhã de 24 de outubro, eu estava na casa de meu pai. Estávamos eu e meus três filhos sentados na sala de estar. De repente, perdi a consciência durante alguns minutos. Ao despertar, não consegui escutar. Vi poeira e escombros em todos os lugares à minha volta. Naquele momento, eu sabia que o lugar tinha sido bombardeado por um avião israelense. Meus dois filhos Hammoud e Batool estavam grudados em mim e gritavam, apontando para o meu filho mais velho, Abboud, de 12 anos. Ele estava deitado no chão. Vi meu pai tentando resgatar as crianças. Também vi mulheres de minha família deitadas no solo. Nós gritávamos para as pessoas

Fotos: Arquivo pessoal



que estavam próximas à casa. Elas começaram a nos retirar dos escombros. No primeiro momento, cinco membros da minha família foram



mortos. A minha madrasta, minhas duas tias, inclusive a mais velha, e meu primo morreram imediatamente. Abboud e minha sobrinha

de 9 anos foram hospitalizados em condições críticas. No dia seguinte, meu filho morreu e, 24 horas depois, a menina. Nosso vizinho também faleceu. Eu, Hammoud e Batool sofremos queimaduras de segundo grau. Estamos no hospital, melhorando a saúde. O que está acontecendo é um crime. Israel claramente alveja casas de civis. Quatro mulheres e duas crianças foram assassinadas. Isso não é um erro, mas uma estratégia israelense de deliberadamente matar famílias."

Ahmed Abu Artema, escritor e palestino, 36 anos, morador da Cidade de Gaza. Depoimento ao **Correio Braziliense**

Professor de relações internacionais da Universidade de Nova York e especialista em Oriente Médio, Alon Ben-Meir admitiu ao **Correio** que a proposta de Blinken de um governo unificado é "boa, a princípio". "Mas ela não pode ser implementada no momento. "Sinto que, inicialmente, a ONU deveria assumir o controle das responsabilidades

administrativas em Gaza, até que o terreno esteja preparado para que a Autoridade Palestina assuma o poder — desde que, no entanto, haja uma nova Autoridade Palestina na Cisjordânia e um novo presidente que substituirá Mahmud Abbas", disse. Sobre a negociação envolvendo os reféns, Ben-Meir somente vê sentido se o Hamas concordasse

em soltar todas as crianças e as mulheres. "Uma trégua de três dias poderia permitir que o Hamas se reagrupe, algo que Israel tenta evitar a todo custo."

Sem que os bombardeios israelenses deem trégua, 50 mil civis palestinos migraram do norte para o sul da Faixa de Gaza somente ontem. "Entenderam que o Hamas perdeu o controle do

norte e que o sul é mais seguro", comentou Daniel Hagari, porta-voz das IDF. A ONU advertiu que Gaza enfrenta uma "tragédia humanitária de proporções colossais". "Destruir moradias e infraestruturas civis é um crime internacional, o mundo deve agir imediatamente", cobrou Balakrishnan Rajagopal, especialista independente da ONU.

CATAR NEGOCIA A LIBERTAÇÃO DE UM GRUPO DE SEQUESTRADOS PELO HAMAS EM TROCA DE PAUSA POR 72 HORAS NOS COMBATES. ISRAEL AFIRMA CONTROLAR O NORTE DA FAIXA DE GAZA. ESTADOS UNIDOS DEFENDEM AUTORIDADE PALESTINA NO GOVERNO DO ENCLAVE

Eu acho...

X/Reprodução



"(O secretário de Estado) Antony Blinken não tem que decidir nada em nome dos palestinos. O que exigimos é a retirada completa de Israel das nossas terras ocupadas, a permissão para que o povo palestino decida sobre sua autodeterminação, a construção de um Estado independente e soberano para todos os palestinos. Insistimos que esse Estado seja democrático. Não buscamos uma liderança apontada pelos norte-americanos. Queremos o fim da ocupação."

Osama Hamdan, líder sênior do Hamas no Líbano

"Guerra de genocídio"

Hospitalizado com queimaduras na Cidade de Gaza, depois de sobreviver a um bombardeio e perder o filho, o poeta e jornalista palestino Ahmed Abu Artema (**leia Depoimento**), 36 anos, denunciou uma "guerra de genocídio de Israel". "Milhares de famílias foram mortas. Israel mente e não alveja o Hamas. Onde estão os combatentes do Hamas? Crianças, mulheres inocentes e homens são assassinados. A coisa horrível é que a guerra continua. Israel comete crimes horríveis contra a comunidade, além de cortar comida, água e combustíveis de 2,3 milhões de moradores de Gaza", lamentou ao **Correio**. "Meu filho amado, Abboud, foi morto em 24 de outubro. Ele tinha 12 anos e muitos sonhos bonitos. Mais de 10 mil pessoas morreram. Por favor, façam pressão para deter esse genocídio. Isso deve parar", implorou.

"Graças a Deus, ainda estamos vivos", desabafou à reportagem o clínico-geral Hazem Abu Moloh, 51, voluntário da ONG Médicos Sem Fronteiras (MSF) que abandonou o campo de refugiados de Nusrat, no centro de Gaza, e hoje está no sul do enclave. "Em 16 de outubro, nós dormíamos quando escutamos bombardeios a 200m de casa. Saímos rapidamente e vimos dois prédios totalmente destruídos. Só vimos poeira e escutamos pessoas gritando sob os escombros. Começamos a remover o concreto e encontramos dois bebês gêmeos, de cerca de 1 mês de idade. Resgatei os dois recém-nascidos, um deles morreu", relatou, sem conter as lágrimas, por telefone. "Pude sentir o coração do outro bebê. Fiz massagem cardíaca e o colocamos em uma ambulância. Ele sobreviveu."

ONG denuncia onda antissemita na América Latina

Uma pichação em pleno centro de Montevídeo com a inscrição "Israel genocida" acendeu o alarme na ONG internacional CAM, que denuncia uma "escalada" do ódio contra os judeus desde o início da guerra com o Hamas. "Pintar essa frase sobre fotos da campanha para libertar os reféns capturados pelo Hamas é muito forte", disse, em entrevista à agência France-Presse (AFP), Shay Salomon, diretor de

Assuntos Hispânicos do Movimento de Luta contra o Antissemitismo, conhecido pela sigla em inglês CAM.

Em nível global, o conflito na Faixa de Gaza fez disparar os atos de ódio contra os judeus em 1.180%, segundo um relatório do Estado de Israel, da Organização Sionista Mundial e da Agência Judaica. O tema concentra os debates, durante esta semana, no III Fórum da América

Latina e Israel, organizado pela CAM e celebrado no Uruguai com representantes de 17 países. "Na América Latina não há números concretos, mas a retórica em geral. O que vemos dos mandatários e tomadores de decisão do governo, e o que chega até a sociedade

13

MILHÕES
Total de judeus no mundo, sete milhões deles vivendo em Israel.

civil, é uma escalada das manifestações antissemitas", aponta Salomon.

Nascido há 47 anos em Israel, filho de pais uruguaios, Salomon considera uma demonstração de "intolerância" a pichação feita no "pacífico" Uruguai, onde, segundo ele, sempre houve uma "convivência muito natural" com a comunidade

judaica. Ele também menciona as marchas pró-palestinos no Brasil e em outros países latino-americanos "com chamados a eliminar o Estado de Israel e a matar os judeus". E destaca sua "preocupação" com as mensagens nas redes sociais do presidente colombiano, Gustavo Petro, que comparou a ofensiva de Israel em Gaza em represália ao ataque do Hamas com a perseguição dos judeus pelo nazismo. "As declarações do presidente Petro foram claramente antissemitas", afirmou.

Salomon, radicado no Uruguai após ter morado em Israel, Argentina, México e Guatemala, reconhece o direito de qualquer pessoa opinar sobre o conflito no Oriente Médio, mas não a fomentar o ódio aos judeus. "Criticar o Estado de Israel é legítimo. É está certo. O que não podemos aceitar são falas e retóricas antissemitas", sustenta. "Acusar os judeus pelas decisões do Estado de Israel é antissemitismo."